

Fala-se de tudo, menos dos homens que viveram a guerra



Missão.

O general Nascimento Garcia segura um dos 30 livros publicados pela CECA. O objectivo é deixar para o futuro a possibilidade de estudar o passado. Da esq. para a dir.: cor. Vaz Serra, cor. Henrique de Sousa, cor. Valdez, gen. Nascimento Garcia, cor. Cação, cor. Cardoso Alves.

Todas as quartas-feiras têm encontro marcado com a guerra. Vivem entre o vazio da reforma e as emboscadas de África. O mais velho tem 96 anos, o mais novo 67. Guardiões da memória, escrevem para que a sua história da Guerra do Ultramar sobreviva. Somam 30 [29] livros publicados que ninguém [sic] conhece.

Há uma mosca às turras na janela e não há quem a veja. Seis livros e um bolo fechados em cima da mesa. O general Nascimento Garcia está sentado à cabeceira, mãos magras em livros grossos. Folheia o [primeiro volume](#) da colecção, a que dedica a vida há mais de três décadas, desde que embarcou na odisseia de resgatar a memória da guerra. Integrou o núcleo fundador da Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA) e por aqui ficou. Todas as quartas-feiras, lidera o grupo de militares reformados que põe no papel as andanças da tropa portuguesa nas então colónias [sic], entre 1961 e 1974. Campanhas de África, diz. **Guerra do Ultramar, reforça: “Vocês [jornalistas] gostam do termo guerra colonial, eu detesto. Tem uma forte carga política e a nossa visão é puramente militar.”** Ao seu lado, dois coronéis caminham em Moçambique.

– Foi perto de Mueda.

– Ao pé de Mueda, não foi!

– Já lhe disse que foi morto perto de Mueda!

– Ó coronel, o senhor está a baralhar tudo!

– Desculpe, se já me esqueço das coisas...

– Você é que sabe, você é que conhece essa zona. A minha guerra foi no Niassa.

– Ó filho, já sabe que aqui cada um tem a sua guerra.

As palavras do general Nascimento Garcia são ponto final no diálogo. A comissão, que funciona na alçada da Direcção de História e Cultura Militar do Exército, ocupa uma sala do antigo Palácio do Lavradio, no Campo de Santa Clara, portadas para a Feira da Ladra. Uma mesa comprida, meia dúzia de secretárias, passos lentos no soalho de madeira. Junto à parede, um móvel escuro é morada dos seus escritos. A [Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África, 1961-1974](#) soma 30 [29] livros publicados, mais três prontos para combate. Páginas a perder de conta. “Estão aí a criar bolor, ninguém sabe que existem”, admite o general. Para comprar um destes livros, só há um caminho – contactar a [Direcção de História](#) [RDB/DHCM]. Encosta a canadiana à cadeira, encara os seus homens – sete [ie, cinco] combatentes pela memória.

– Ó meu general, pode ser que as gerações vindouras tenham interesse em conhecer o passado – lança Cardoso Alves, coronel de engenharia reformado, um dos mais novos do grupo.

– Ó meu jovem, a guerra morreu para toda a gente há muitos anos, só existe para uns tipos como nós, que ainda aqui andam a pestanejar.

Acabou de soprar 96 velas, mas não há tempo que lhe belisque o pensamento. Nasceu num segundo andar do bairro da Graça, em Lisboa, fez a instrução primária no Campo de Santana. Ainda lá está o prédio, ainda lá está a escola. Também a guerra. O pior dia foi [06Dez1965] em Cabinda, árvores “até ao céu” e nem um raio de sol a vencer as copas, quando uma coluna pisou uma mina. Tinham ido buscar o correio, vinham embalados nas palavras da metrópole. De repente, um estrondo. As cartas em sangue: “Perdi nove homens, havia pernas em cima das árvores.” Silêncio na sala, um suspiro e logo baixas em catadupa, acidentes e emboscadas. Já se sabe, aqui cada um tem a sua guerra. “Estes encontros são muito bons, o único senão é que já conheço as histórias todas”, sorri o general, que apanha três autocarros, da Praça de Londres ao Campo de Santa Clara, para relembrar a guerra. E o espírito de camaradagem que “só existe na caserna”. Reformado “há uma vida”, tem nestes momentos, o elixir da juventude. “Antes, escrevíamos mais, até tínhamos umas senhoras que batiam à máquina.” Até há dois anos, marcava o ponto todas as manhãs, depois decretou “eclipse” à sexta-feira. Agora, vem apenas uma vez por semana. Está casado há 66 anos, a mulher caiu doente e ele cumpre o dever de a acompanhar.



Encontros. A guerra é sempre o tema principal.

Partilham as memórias e a camaradagem do passado. Também o ritmo do presente, sempre as doenças e os afazeres com os netos.

Nos dias que sobram, o grupo encontra-se à roda da sua cadeira vazia ou noutras velhas paragens de oficiais. As reuniões são bem mais do que trabalho, perpetuar a memória é perpetuar a vida. Juntos, estão em casa. O presente é só uma extensão do passado. “O nosso general é a alma desta comissão. O presidente de facto”, sublinha Cardoso Alves. “Damo-nos todos bem uns com os outros, é uma briga pegada!” O verbo segue risonho: “Menos com o senhor general, claro.” Patente não prescreve.

Filho de Setúbal, Cardoso Alves traz no currículo a vitória da corrida dos 100 metros, na inauguração do Estádio do Vitória, e uma comissão em Moçambique. “Meu general, está aqui o livro que pediu, com o mapa.” Aproxima-se a voz de outro coronel: “Também quero ver, onde é que estão os meus óculos?” Cardoso Alves entra em acção: “Os de perto ou os de longe?” As armas de hoje não são as de ontem. Entrega os óculos, o livro: “Sou dos mais novos, vou ajudando a fintar as partidas da memória.” Chegou da Madeira há um dia, tem lá um par de netos que visita volta e meia: “Trouxe um bolo típico e temos aqui um abafado caseiro.” Falta faca, faltam pratos. Sobram vozes: “Parte à mão! Estamos em campanha, pá!” Quase todos os dias, viaja de Setúbal até Lisboa para “ter com quem conversar”. O plano de operações traçado – reunir, almoçar e passear com os amigos da comissão. Regressa a casa às quatro da tarde, “hora de ser avô”. A reforma não pode ser batalha perdida.

– Estou calado há 17 minutos, agora é a minha vez de falar – reclama o coronel Vaz Serra.

– Isso é um recorde absoluto! – agita-se, sorridente, o general.

– Eu corri a Guiné toda! – volta à carga Vaz Serra.

– E eu corri o Niassa, que é do tamanho de Portugal – responde, Cardoso Alves. – Lembra-se de quando atirou a relva para dentro de casa do governador?

– Mas por que é que está a lembrar isso agora? Estava a levantar voo e a pista era mesmo colada à casa. Foi em Fulacunda, perto de Tite, não é?... Ai a minha cabeça! Deixe lá ver o mapa.

– Está aqui – o indicador de Cardoso Alves aterra na geografia.

– Caramba, não vejo – lamenta Vaz Serra.

– Nem eu... – entra no coro o general.

– Já vi!

– Eu não o engano! Você queixa-se, mas eu é que tenho de lhe lembrar tudo! – atira Cardoso Alves, voz de graça.

– O que eu tenho de aturar! – remata Vaz Serra, numa gargalhada.

Quase meio-dia no relógio do general. O coronel Vaz Serra, símbolo do colégio militar ao peito, chama a si atenções: “Vocês nem sabem o que encontrarei!” Comanda o momento. O interesse das tropas é a melhor das medalhas. “Encontrei o livro da escola primária da Guiné, onde está a lição sobre o Domingos Ramos!” O anúncio cortado pela voz do general: “Lá vem você outra vez com essa história! A generosidade portuguesa é extraordinária, só nós para falarmos como herói de um tipo que se voltou contra nós!” Mas o coronel só tem sentidos para o livro. Recebeu-o povoado de dedadas de estudo, não se lembra quando. Mandou pôr-lhe uma capa branca, guardar com afeição. A mesma que emprega nas cores do auto-retrato: “Sou oficial do exército por acaso e arquitecto por engano. Mas vivi bem vividas as duas vidas.”

O livro na mão hasteada, sorriso a bater continência. Cumpru quatro comissões em África, a primeira na Guiné, ainda a guerra não tinha estourado. Foi lá que teve como homem de sua confiança o soldado Domingos Ramos. Muito alto, muito escuro, “muito vivaço”. Passou a comissão com uma espingarda ao seu lado, e o português depressa lhe arranhou alcunha: “Era o Calcinhas, chamávamos assim aos mais espertalhões do recrutamento local.” Tempos depois, já a Guiné a ferro e fogo, havia de ter notícias do antigo subordinado: “Tornou-se braço direito do Amílcar Cabral, era um tipo importante no PAIGC. Morreu num ataque em Madina do Boé.” Ficou na História, o manual é a prova. Lição número 23: “Um grande patriota.” A matéria dada numa conversa entre mãe e filha: “Mãe, hoje o professor falou-nos do Domingos Ramos.” E a mãe a sublinhar aprendizagens: “É um exemplo para todos os filhos da nossa terra. Era um dos dirigentes do nosso grande partido.”

Vaz Serra não esconde entusiasmos. Triunfante, saca da pasta uma fotografia: “Olhem!” Fardado, o camarada que havia de se fazer inimigo. No embalo da descoberta dos livros, passou um pedaço da noite com um lápis na mão. “Meus senhores, ouçam lá o que escrevi!” Os outros gracejam, ele enceta leitura. Conta-lhe a vida, a morte em combate, a trasladação de herói: “O meu guarda-costas voltou à terra onde nos conhecemos.” Dobra os papéis. “Você é um fala-barato, daqui a pouco está a lembrar coisas que lhe fazem mal”, adverte, em jeito de brincadeira, Cardoso Alves. Sabe do que fala, já lhe escutou o passado vezes sem conta.

Mas Vaz Serra não abandona o púlpito: “A minha única grande tristeza é a morte do meu soldado mais querido, o Barcelos”. Tinha o costume de viajar a seu lado, mas na pior das horas seguia noutra veículo. Uma emboscada, a algazarra dos tiros e uma voz sem retorno: “Meu capitão, o Barcelos está morto!” Correu ao encontro do homem, mas já nem sopra encontrou, só uma bala debaixo do braço e o corpo tingido de encarnado. “Uma pessoa nunca mais esquece...” O cantar de um galo interrompe o luto. É o telemóvel, o coronel de regresso ao presente: “Ah, está bem. Então, vais almoçar lá a casa, querida.” Tem três filhos e sete netos, há sempre quem puxe cadeira à hora da refeição. O general agarra a deixa: “Estes jovens já são todos avôs, mas querem que pensem que ainda têm 20 anos.” Vaz Serra termina a chamada, o presente: “A minha neta, no outro dia, queria levar o meu carro para sair à noite, vejam lá.” Encolhe os ombros, retorna à mesa:

– Eu nunca digo quantos anos tenho, meu general!

– A idade é bonita mas tem muitas limitações – constata o general.

– A gente devia viver até aos 100 anos, mas só envelhecia até aos 35 – sonha Vaz Serra.

– Pois, queria ficar na idade em que cantava de galo! – brinca Cardoso Alves.

O sol de Março bate discreto na janela. Em África, haveria de esaldar. Como naquele dia, há 56 anos, em que a UPA (União dos Povos de Angola) catanou dezenas [sic] de vidas. Homens, mulheres e crianças. Brancos, mestiços e negros. 15 de Março de 1961, início da guerra. Nesse dia, o general, que já muito andara por África, estava na então chamada metrópole. Soube da chacina pelos jornais. Vaz Serra desembarcara da Guiné, estava de casamento marcado. “Os outros andavam de bibe”, graceja o general, olhar nos rostos da mesa. Mais difícil é olhar para trás. À distância, a guerra continua assunto com demasiadas frentes de combate. O general desassossegava-se na cadeira: “Há uma forma de ver a guerra antes, outra durante e outra depois. Certo é que foi uma decisão política e os militares cumpriram a sua obrigação. Continuo a não saber se teria havido outra forma.” Vaz Serra fecha o velho manual escolar guineense: “A guerra teria sido evitável, se o regime fosse diferente. A ideia de que Portugal ia do Minho até Timor acabava por ser indefensável... Muito aguentou a tropa.” Respira fundo: “Nós não perdemos a guerra, mas eles conseguiram os seus objectivos.”

Arruma a gravata, afasta o corpo da cadeira com cuidados dobrados: “A data de começo da guerra é muito polémica. Ainda não sei quando é que começou.” Tem 83 anos, o presente atracado em África. Todos os dias almoça com velhos camaradas, quase sempre militares. Aproximou-se da CECA no dia em que leu um texto sobre um dos primeiros “acontecimentos” em Moçambique. As linhas asseguravam que tinham cortado a cabeça a um padre da missão de Nangolo [sic], de seu nome Daniel, e atirado para “cima de um altar”. O episódio marca a história da guerra e também a sua, algo lhe dizia que não podia deixar o engano seguir adiante. Bateu à porta da comissão para contar a sua verdade: “Por azar, tinha sido eu a ir buscar o corpo. Lembro-me bem... tinha os braços todos cortados de se tentar defender das catanadas, mas estava inteiro.” O ataque aconteceu a 24 de Agosto de 1964: “Ficámos com a ideia de que era para mostrar como era fácil matar um branco.” Acredita que, por essa altura, já a guerra se fazia em Moçambique: “Como em Angola, a data de início é discutível. Dizem que foi o ataque ao Chai, em Setembro, mas isso é porque os ataques anteriores não foram feitos pela Frelimo!” Os ânimos voltam a aquecer.

– Deixe lá isso, não se enerve – apazigua Cardoso Alves.

– Portugal escolheu sempre a versão dos outros! Neste caso, da Frelimo – intervém o general.

Silêncio. Uma lufada de sol na mesa e a mosca ainda às turras na janela.

– Sabe, meu general, hoje não estou nada bem dos olhos – regressa Vaz Serra.

– Ó filho, está com dificuldade em ver ao perto ou ao longe?

– As duas coisas.

– Mas almoça connosco?

– Não sei se estou tonto, se estou a ver mal. Um tipo chega a velho e é terrível.

– Vocês estão velhos, eu estou gasto – remata o general.

Quase uma e meia no relógio de pulso do general, o almoço marcado na messe de oficiais. Fica a meia dúzia de passos de distância, mas “com a idade tudo fica mais difícil”, constata uns e outros. A voz de Cardoso Alves voa até ao último palmo da sala: “Ó Cação, olha que ao almoço é proibido falar de canhões.” Todos sabem bem que o coronel de engenharia palpa pelas velhas armas.

As noites coladas ao computador, a vaguear mundo atrás de canhões portugueses. “É uma paixão que tenho, mas na comissão já não me deixam falar”, sorri. “Estar aqui é bom para desopilar, para sair de casa e fazer uma coisa útil.” Registrar as lembranças da guerra é a sua última missão.

– O Cação, não venhas cá com canhões! – continua Cardoso Alves.

– O nosso general diz que hoje posso falar, é dia de festa.

Entre os coronéis de engenharia não há estranhezas, percorreram a vida a par e passo, sempre Cação no encalço de Cardoso Alves. Agora, reencontram-se na comissão. Há livros sobre os mortos da guerra, as operações militares, as unidades enviadas da metrópole... A eles, cabe escrever sobre as obras da engenharia. Cação está sentado na última secretária da sala, no ecrã do computador, uma foto de uma ponte em construção. Daqui a pouco mais de um mês, há de ter a primeira versão do livro pronta para mostrar ao general, já vai em mais de 300 páginas. Nunca disparou um tiro, mas fez explodir toneladas de explosivos: “O que nós construímos e com aquelas dificuldades!” O general sacode a cabeça lentamente: “Ninguém quer saber disso, filho...” Cação atravessa a sala, olhos postos na estante: “Querem apagar a nossa História.” Custa-lhe a falta de pilares, nem promoção nem livraria. A falta de leitores. Há muito carrega certezas: **“Se uma pessoa escrever um livro e oferecer aos amigos, 90 por cento não lê e 50 por cento nem abre.”** O general volta à carga: “Há livros que não têm interesse para o público em geral, mas não há nenhum sem valor histórico.” O futuro é a sua esperança: “Talvez um dia...” A mesa em silêncio e a mosca às turras na janela. Um pensamento em cada olhar, a pior morte é o esquecimento.



fotos do álbum pessoal do cor. Cardoso Alves, Niassa, Moçambique

O coronel Henrique de Sousa aproxima-se. É o [autor dos três livros mais recentes](#), todos à espera de lançamento. Juntou-se à comissão no começo do milénio, pouco depois de passar à reserva. Tinha 58 anos e os dias desertos. Uma manhã, disse à mulher: “Não posso continuar fechado em casa.” Cruzou o umbral e foi à procura de ocupação. Tentou trabalhar numa ou noutra função, mas o espírito militar cola-se à alma, sobretudo para quem traz o exército no sangue – já o pai e o avô vestiam farda. Conhece o general desde os oito anos, por essas e por outras, pensou oferecer-se para a comissão. Desde então, nunca mais parou de escrever sobre as operações na Guiné. Como todos os outros, os seus livros baseiam-se nos registos oficiais do exército, nos documentos que povoam o arquivo. Apoiava-se numa cadeira: “Há muitas obras com a visão pessoal de antigos militares, nós temos os factos, a versão oficial. Também recorri a alguns testemunhos, mas o mais importante são os documentos.” Confia no tempo: “Hoje, há muita gente interessada na I Guerra Mundial, quem sabe se não se lembram da nossa daqui a 30 anos?”

O começo da guerra apanhou-o na Academia Militar. Lembra-se como se fosse hoje do discurso de António de Oliveira Salazar acerca de Angola, na televisão: “Andar rapidamente e em força!” As palavras do estadista valiam como guia de marcha: “Sendo eu militar do quadro, ficou claro que seria mobilizado.” Esteve na paz de São Tomé e Príncipe e no calvário da Guiné. “Quando vamos para uma comissão, sabemos que podemos morrer, mas nunca se pensa nisso. Sempre achei que estava a cumprir o meu dever, quando morresse, morria.” Um dia, adivinhou a sua hora. Foi em Bula, quando um foguetão de fabrico soviético rebentou demasiado perto. O efeito de sopro levou a vida de uma mulher que caminhava à sua frente. Ele abrigou-se o melhor que pode, certo de que o próximo o apanhava: “A impotência é o que mais custa, não dá para ripostar, podem ser disparados a quilómetros de distância.” O 25 de Abril encontrou-o de novo a estudar, desta feita, no curso do Estado-Maior. Desde 16 de Março e do falhado Golpe das Caldas, sabia que a caserna não dormia. Na manhã de todos os cravos, sorriu crenças ao ver tantos camaradas da Guiné ao lado de Salgueiro Maia, no Terreiro do Paço: “Estávamos há muito à espera de uma solução política [sic] para a guerra, era a única possibilidade mas nunca mais chegava.” O coronel Vasco Valdez, anos a fio ajudante de campo do Presidente Mário Soares, junta-se à conversa. É o mais novo da comissão e o único que nunca carregou uma G3 em África. Veio parar à comissão para ocupar o tempo, para continuar a sentir-se militar. A sua primeira missão foi ajudar a terminar um livro sobre Moçambique. O autor principal tombou doente e ele assegurou a vida da memória. Da guerra que ajudou a acabar. “Fui um dos capitães [sic] de Abril, integrei a coluna que veio de Mafra para ocupar o aeroporto.” A coluna que ficou conhecida por chegar atrasada, tão atrasada que um homem só já havia irrompido aeroporto adentro. Valdez, então capitão [sic], seguia à frente no seu Fiat 850, à laia de batedor. O general escuta cada palavra: “**Fala-se de tudo, menos dos homens que viveram a guerra.** Não somos odiados nem amados, simplesmente ignorados.” Segura a canadiana, levanta-se:

– Meus senhores, vou almoçar.

– Vamos lá, senhor general – respondem a uma só voz.

Já a mosca voou por uma janela, já o bolo se fez migalhas e os livros continuam em cima da mesa. A conversa segue escadaria abaixo, azulejos oitocentistas na parede do palácio. “Faça favor, meu general.” Dois andares de sorrisos. Os netos, as doenças, as histórias. A guerra. Recordar África é reviver a juventude. Aquietam-se à porta, sol nos rostos apaziguados. O general cerra as pálpebras um instante. Parece embalado pelo verbo de um antigo escritor escocês: “Deus deu-nos memória para que possamos ter rosas em Dezembro.” O tempo poda os piores espinhos.

(in “Pelotão Memória”, semanário ‘Expresso’; Ana Maria Fonseca (texto) e António Pedro Ferreira (fotos); Lisboa 09Abr2017)

1. -----

Henrique António do Nascimento Garcia:

Nascido em 1921,

- em 15Jan1960 capitão de infantaria, embarca em Lourenço Marques de regresso à Metrópole;
- em 13Fev1960 colocado no EME;
- em 30Jun1961 promovido a major segundo-comandante do BC10-Chaves;
- em 15Dez1961 transferido para a EPI-Mafra;
- em Nov1965 segue para Cabinda como segundo-comandante do BC11/RMA;
- em 12Ago1967 promovido a tenente-coronel;
- em 17Out1967 agraciado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma... ,

... «por, durante a sua importante comissão de serviço, ter evidenciado em muito elevado grau qualidades de trabalho, competência, organização, idealismo e sentido de missão que cumpriu com incedível brilho.

Como 2º comandante do Batalhão de Caçadores nº 11, revelou sempre o major Garcia elevados dotes administrativos e logísticos, levou a cabo uma meritória obra de melhoria de instalações do Batalhão e realizou trabalho de muito valor no campo da acção psicossocial, produto dos seus muitos conhecimentos dos problemas humanos e dos elevados ideais que o norteiam.

Chamado a desempenhar cumulativamente com aquele cargo, o comando de um grupo de acção especial, revelou o major Garcia, a par de uma constante acção de presença, um poder de organização, sistematização de princípios e capacidade de decisão que muito o qualificam.

Neste campo ainda e no de recuperação de refugiados, produto de um estudo e actualização permanente dos complexos e delicados problemas inerentes aos homens, pôde o major Garcia realizar obra de valor imprevisível, dando-lhe corpo, forma, espírito e eficiência.

Chamado a participar em diversos trabalhos de interesse nacional, em todos eles pôs sempre o major Henrique Garcia o melhor do seu interesse, conhecimentos e elevadas qualidades de homem e militar.

Por todo o exposto, devem os serviços deste oficial ser considerados extraordinários, relevantes e distintos.»

- em 20Out1967 regressa à EPI;
 - em 13Mai1969 segue para Luanda, a fim de comandar o BCac2873 mobilizado pelo RI15-Tomar para servir na RMA;
 - em 27Nov1970 agraciado com Medalha de Mérito Militar de 2ª classe;
 - em 16Jun1971 regressa à Metrópole;
 - em 21Jun1971 colocado no CT Serra da Carregueira;
 - em 28Set1971 mobilizado para servir novamente na RMA;
 - em 01Jan1973 promovido a coronel;
 - em 31Jan1973 agraciado com a segunda Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma...
- ... «pela muita aptidão e elevada competência profissional de que deu iniludíveis provas durante a sua comissão, quer no comando do subsector do Quítexe, quer no subsector de Catete.
- Oficial de invulgares qualidades militares, grande poder de iniciativa e grande capacidade de organização, manteve-se devida e constantemente informado, através de frequentes visitas a todas as unidades, destacamentos e bases tácticas temporárias, sobre a incidência nas operações, dos múltiplos problemas logísticos do subsector e sobre a capacidade de actuação das suas forças, cujo moral soube manter elevado, por ajustada atribuição de oportunas recompensas e sensata e firme acção disciplinadora.*
- Atento às possibilidades do inimigo, estudou e planeou sempre e orientou directa e pessoalmente toda uma actividade operacional intensa e adequada aos meios postos à sua disposição, de que tirou o maior rendimento, nurna dádiva total de toda a sua capacidade intelectual e física, havendo-se muito justamente de realçar a sua ponderação e sensatez, o seu consciente sentimento de missão, o seu saber, a sua capacidade de comando, exuberantemente demonstrada na conduta de operações que comandou e dirigiu.*
- De requintada formação, alto espírito de camaradagem, vincada personalidade, leal e disciplinado, arguto no campo da informação e impulsionador e incisivo no campo da actividade operacional, o tenente-coronel Garcia prestigiou de forma notável o Exército, e os serviços por si prestados nesta Região Militar de Angola devem, com inteira justiça, ser considerados de extraordinários, relevantes e distintos.»*
- em 10Mar1973, prestes a concluir a sua terceira comissão em Angola, é empossado em Luanda pelo governador-geral, por delegação do ministro do Ultramar, como governador distrital de Nampula, devendo em breve seguir para o nordeste de Moçambique a fim de assumir aquele cargo;
 - em 10Jul1974, durante a madrugada na fronteira sudeste do Malawi, cerca de uma centena de terroristas da Frelimo infiltra-se pela Zambézia moçambicana e dirige-se à vila de Morrumbala, que invade e ocupa perante a total inércia das tropas da guarnição: «Em princípios de Julho [...] dentro do quartel-general em Nampula, alguns oficiais muito próximos do MFA começaram a anunciar com insistência, que o eng. Jorge Jardim ia atacar a Zambézia com os mercenários e com as forças que o seu auxiliar, Orlando Cristina, ainda dispunha. [...] A certa altura tinha havido uma grande pressão do MFA/Quartel-General, lançada pelo Mário Tomé e pelo Aniceto Afonso, no sentido de nos convencer de que o Jorge Jardim se prepararia para entrar pela Zambézia dentro.»; (Sousa Menezes, em 17Jun97 a Manuel Bernardo);
 - em 16Dez1974 cessa funções como governador distrital de Nampula e regressa definitivamente à Metrópole.
- actualmente major-general na situação de reforma, preside à Comissão para o Estudo das Campanhas de África (1961-1974), da Direcção de História e Cultura Militar, do Estado-Maior do Exército.

2. -----

José da Câmara Vaz Serra:

Nascido em 1934,

- em 24Abr1961 tenente de infantaria regressa da Guiné, onde concluiu o tirocinio;
- em 15Mai1961 colocado na EPI-Mafra;
- em 01Dez1961 promovido a capitão;
- em 08Jan-03Fev1962 frequenta no CIOE-Lamego o estágio de guerra subversiva;
- em 20Jul1962 mobilizado pelo BC5-Campolide para a RMM como comandante da CCE367;
- em 21Nov1964 regressa à Metrópole e à EPI;
- em 11Mai1966 mobilizado pelo RI16-Évora para a RMM, como OfInfOp/BCac1891;
- em 17Ago1968 regressa à Metrópole e fica colocado no BRT-Sapadores;
- em 06Jan-05Jul1969 frequenta o curso de criptólogo;
- em 09Jul1969 colocado em Évora no Destacamento de Ligação e Reconhecimento das Transmissões do QG/3ªRM;
- em 21Jul1970 nomeado para servir novamente na RMM;
- em 26Set1971 desembarca em Bissau graduado em major, por ter sido entretanto nomeado por imposição para servir no CTIG;
- em 25Jul1972 regressa à Metrópole;
- em 27Jul1972 colocado no BRT e promovido a major (com antiguidade desde 01Jun71);
- em 16Out1972-02Mar1973 frequenta o 1º estágio de actualização para oficial superior;
- em 06Ago1973 requer a chefia do Serviço de Reconhecimento das Transmissões do BRT;
- em 04Jun1974 é-lhe concedida a chefia do SRT/BRT.

- actualmente coronel de infantaria na situação de reforma

3. -----

Carlos Eduardo Mendes Cação da Silva:

- em 01Out1960 cadete-aluno da EPA-Vendas Novas, promovido a aspirante-a-oficial de artilharia;
- em 1961 frequenta no CIAAC-Cascais o estágio de artilharia antiaérea;
- em 01Nov1961 promovido a alferes;
- em 12Jan1962 embarca no NTT 'Niassa' rumo a Luanda, por ter sido mobilizado pelo RAP2-Gaia para servir na RMA como comandante de pelotão de uma das subunidades orgânicas do BArt346;
- em 13Abr1963 promovido a tenente;
- em 01Abr1964 desembarca do NTT 'Vera Cruz' em Lisboa vindo da RMA, ficando colocado no Destacamento do Forte do Alto do Duque;
- em 01Nov1964 promovido a capitão (com antiguidade desde 15Jun1964);
- em 17Mai-12Jun1965 frequenta no CIOE-Lamego o estágio E2 de contra-insurreição;
- em 14Out1965, mobilizado pelo RAC-Oeiras para servir no sudeste da RMA, embarca rumo a Luanda como comandante da CArt1452/BArt1864;

- em 21Fev1968 regressa de Luanda a Lisboa;
 - em 19Mar1968 agraciado com a Medalha de Mérito Militar de 3ª classe;
 - em 17Jun1970, tendo sido mobilizado pelo RAL1-Sacavém para servir no CTIG, embarca em Lisboa rumo a Bissau onde fica colocado como oficial de relações públicas da RepApsic/CCFAG;
 - em 02Ago1973 regressa ao RAL1;
 - em 01Jan1974 graduado em major e colocado na Bateria Independente de Defesa de Costa nº 1 (cidade da Horta);
 - em 09Ago1974 promovido a major;
 - em 31Out1974 transferido para EME e colocado na 5ª Divisão/EMGFA;
 - em 1988-89 coronel comandante do RAL4-Leiria.
- actualmente coronel de artilharia na situação de reforma

4. -----

Henrique António Costa de Sousa:

- no ano lectivo 1962/63 da Academia militar, cadete-aluno finalista do curso de cavalaria colocado na EPC-Santarém para tirocínio;
 - em 01Out1963 promovido a aspirante-a-oficial;
 - em 30Ago1966 alferes da EPC promovido a tenente;
 - em 09Set1968, tendo sido mobilizado pelo RL2-Ajuda para servir no CTISTP, promovido a capitão e embarcado em Lisboa com destino a São Tomé e Príncipe;
 - em 02Out1970 regressa à Metrópole e fica colocado no QG/3ªRM-Évora;
 - em 19Mai1971 transferido para o EME por ter sido nomeado ajudante-de-campo do general QMG;
 - em 30Mai1972, tendo sido mobilizado pelo RC7-Ajuda para servir no CTIG, embarca em Lisboa rumo à Guiné para comandar o ERecAML3432;
 - em 30Ago1973 regressa à Metrópole;
 - em 28Ago1974 colocado no RC7.
- actualmente coronel de cavalaria na situação de reforma

5. -----

Carlos Cardoso Alves:

- em 01Out1966 cadete-aluno do 4º ano de engenharia da Academia Militar, promovido a alferes-aluno do 5º ano na especialidade de saporador de engenharia;
 - em 03Ago-10Out1970 tenente, frequenta na EPE-Tancos o curso de promoção a capitão;
 - em 19Ago1971 capitão mobilizado pelo BEng3/EPE para servir na RMM (Niassa).
- actualmente coronel de engenharia na situação de reforma

6. -----

Vasco Henrique de Sommer Travassos Valdez:

- em 25Abr1974 alferes de infantaria da EPI-Mafra, (terá saído da unidade para o Aeroporto da Portela);
 - em 12Mai1975 promovido a tenente, com antiguidade desde 20Nov1974;
 - nunca serviu no Ultramar.
- actualmente coronel de infantaria na situação de reforma